

Revolução



**OCUPAÇÃO DE TERRAS
É UM
ACTO REVOLUCIONÁRIO**



PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO • BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

PARTICIPAÇÃO DOS LEITORES

A PROPÓSITO DA "ESCALADA ANTICOMUNISTA"

Camaradas:

A leitura do artigo "A escalada anticomunista" publicado na secção "Participação dos leitores" do Revolução n.º 29 aborda algumas questões dum modo que me pareceu pouco claro e capaz de levar a possíveis erros de análise política. Refiro-me concretamente à expressão em que se afirma: "Não nos iludamos: ainda consideramos o PCP como um partido operário, que degenerou (...)".

Esta afirmação supõe definidas e bem assentes duas ideias:

— o que é um partido operário.
— em que consiste, quando e porque surge a "degenerescência" do PC?

1. É ou não é o P. C. P. um partido operário?

Se entendermos por tal uma organização com grande composição social operária, isto é, com larga implantação e grande percentagem de militantes operários, então sem dúvida que o P. C. P. é um partido operário. Mas, dentro desta perspectiva, também os Partidos Trabalhista inglês e Sociais-Democratas alemão e nórdicos são considerados como partidos operários...

Uma outra perspectiva, que me parece mais exacta, é considerar que um partido operário é aquele cuja luta é a dos interesses históricos do proletariado — a instauração do comunismo, precedido por uma fase prévia e transitória que é a Ditadura do Proletariado. Assim, um partido tem uma política operária se, não apenas os objectivos estratégicos que diz querer alcançar (e quantas vezes eles são relegados para um futuro distante!) são os acima referidos mas, o que é talvez mais importante, se a sua tática assumida em cada momento presente é revolucionária. E aqui não basta dizer que "se têm" operários (com ou sem consciência de classe?) para que se tenha uma política operária (isto seria uma posição obreirista).

Por isto, pergunto: é uma política operária a que os militantes (operários ou não) do PC têm assumido durante as lutas mais avançadas (Timex, TAP, CTT, Lisnave, manifestação das comissões de trabalhadores)? Penso que não, pelo que não posso dizer que o PC tenha uma política operária.

2. E agora a questão da chamada "degenerescência". Segundo esta tese o PCP terá sido uma organização revolucionária até determinada altura, tendo depois degenerado. Como surge, quando surge, a que é devido tal degenerescência, isso já é uma outra questão perante a qual as diferentes organizações (trotskistas, maostas e não só) se dividem.

Penso a este respeito que, embora esta questão possa parecer apenas indicada para os teóricos e académicos da nossa praça, a

verdade é que é a partir da sua correcta compreensão que poderemos chegar a conclusões sobre:

— que tipo de partido foi e é o PCP (quem o compõe, quem o controla, que debate e democracia interna existem, etc)

— como aparece e porquê a política reformista do PCP.

Daqui resulta a necessidade de ser feita de um modo urgente e correcto a história do movimento operário português, o que passa, claro está, pela análise histórica do PCP, desde a sua fundação em 1921. Mas, enquanto essa obra imensa e tão difícil quanto necessária não aparece, podemos pelo menos assentar num ponto — a "degenerescência", qualquer que tenha sido o momento que surgiu, não pode aparecer de repente, por acaso, como se fosse "por obra e graça do Espírito Santo" ou, se preferirem, devida apenas às repercussões em Portugal da "traição revisionista" no PC da URSS. A "degenerescência", se existiu, é possível porque, desde a sua fundação, o PCP encerra em si profundas contradições que fazem com que, na prática, só a partir de 1940-41 possa ser considerado

como um partido com uma sólida organização.

A verdade é que até 1940-41 o PCP pouco mais é que uma amálgama de militantes anarquistas, voluntaristas e alguns com uma vaga formação marxista, militantes estes ligados entre si por uma débil organização facilmente desfeita pela repressão policial (vide as repercussões do 18 de Janeiro no PCP).

Posteriormente, nas décadas de 40 e 50, é inegável que os militantes do PCP têm um importante papel nas lutas travadas pelo proletariado industrial e agrícola. Mais — até ao início da década de 60 não existe nenhuma organização política, para além do PCP digna de ser considerada como tal. O próprio movimento legal (MUD, campanhas eleitorais) é largamente controlado pelo PCP, o que faz com que conceitos como "unidade antifascista" fossem frequentemente utilizados pelos reformistas. Acontece, no entanto, que a partir do início da década de 60, muitos são os militantes que abandonam o PCP, seja devido a questões levantadas em torno da luta armada (questão está que o PC não põe), seja devido ao diferendo sino-

-soviético (deste modo surgem as diversas organizações que se reclamam maostas), seja, finalmente, devido à perspectiva reformista que é "veiculada" à classe operária, pondo-a assim a reboque de interesses pequeno-burgueses.

De tudo isto resulta que não se pode apenas afirmar que o PCP degenerou — mais importante que isso é saber se alguma vez foi um partido revolucionário, se alguma vez foi um partido cujos militantes tivessem uma verdadeira consciência de classe, se alguma vez lá existiu democracia interna com prática de crítica e autocrítica, se, efectivamente, quem controlava e controla a política global do PC são os militantes operários de base ou os tecnoburocratas do comité central.

E para terminar duas questões:

— Quando teve o PCP uma política revolucionária?

— Pode-se falar em "degenerescência", se uma organização nunca foi revolucionária?

Saudações revolucionárias

Frederico, Almada.

QUEM TEM CULPA DE TUDO ISTO?

"Costuma o nosso jornal fazer críticas e análises objectivas e honestas da situação política, o que todavia não significa que sempre e em tudo tenha razão, pois ninguém detém o exclusivo da verdade e da razão, muito menos em política.

Quero eu dizer que não costuma fazer demagogia nem jogar às palavras cruzadas, ao contrário da maioria dos que por aí andam a especializar-se na ARTE DE ILUDIR O POVO, esse povo cada vez mais baralhado e confundido. Refiro-me evidentemente à maioria do nosso povo, povo trabalhador e despolitizado, o tal que Mário Soares diz não ser reaccionário mas também reaccionariamente o não considera despolitizado.

O que sinceramente considero lamentável e indesculpável é não se procurar construir uma nova sociedade a partir do esclarecimento popular feito honestamente, desinteressadamente com espírito de cruzada.

Ao invés assistimos desolados ao desenrolar de um triste espectáculo, verdadeiramente feira de vaidades, que no fim a nada conduzirá, a não ser a desagregação e o enfraquecimento progressivo até ao naufrágio.

Enquanto as DIREITAS esfregam as mãos de contentes, as ESQUERDAS degladiam-se infantilmente, e ingenuamente vão ateando uma grande fogueira capaz de os queimar a todos.

Estamos a resvalar para um caos onde já é difícil distinguir quem é da direita e quem é da esquerda, quem defende o povo e quem o ataca, quem está ao serviço dos trabalhadores e quem está ao serviço dos capitalistas. Uma confusão diabólica...

Quem tem a culpa de tudo isto? Em minha opinião, os verdadeiros responsáveis são todos aqueles mentecaptos poetas dos jogos florais da calúnia e do insulto, os egoístas chauvinistas e parasitas mais ou menos burgueses, contra-revolucionários ou reaccionários encapotados de esquadristas de fãncaria.

Um camarada meu dizia-me há dias o seguinte:

— Tu já reparaste que agora a política em Portugal está como o Campeonato do Futebol?

— No Futebol só há dois clubes: O BENFICA. E O CONTRA O BENFICA.

— Na política só há dois partidos: O COMUNISTA E O CONTRA COMUNISTA.

Estou convencido que o COMUNISTA vai perder.

Isto também constitui uma análise política feita por quem sempre ouviu dizer quem era contra o governo eram os comunistas, e quem arreava nos comunistas era a PIDE/LP/ANP e o Casal Ribeiro/Rapazote & C.ª Lda.

Esta é uma verdade, tão verdadeira como o nosso povo estar-se nas tintas para o MAO TZÉ TUNG, e tão verdadeira como o nosso povo

saber que quem o pretende desunir não é o seu amigo e é capaz de o atraiçoar.

Só nos meios urbanos dominados pela burguesia cidadina, ainda pegam as fantochadas encenadas por palhaços golpistas mascarados.

Quem anda a contar mentiras ao povo, quem anda a vender a "banha da cobra" são os malabaristas reaccionários pseudo socialistas de uma burguesia despedastada, e completamente em pânico.

Cada revolucionário de opereta pós 25 de Abril, berra por aí desalmadamente que vai fazer a "sua revolução", o que nos irá conduzir a oito milhões de revoluções em Portugal. Bacano...

Para terminar gostaria de lhe formular algumas interrogações que presentemente andam no espírito de muita gente;

— Pode fazer-se a revolução sem o MFA?

— Pode fazer-se a revolução contra o MFA?

— Pode fazer-se a revolução sem o PCP?

— Pode fazer-se a revolução contra o PCP?

— Pode fazer-se a revolução sem um movimento unitário dos trabalhadores?

— Pode fazer-se a revolução com um pluralismo sindical?

Porta-Voz do PARTIDO
REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS



Revolução

COMO VIVEM OS TRABALHADORES

COMO O GOVERNO PROVISÓRIO. PRETENDE RESOLVER O PROBLEMA DO (DES)ALOJAMENTO DOS TRABALHADORES

Actualmente na zona de Lisboa vivem cerca de 60 mil famílias de trabalhadores portugueses sem um mínimo de condições de habitação.

Essas famílias ou vivem em barracas sem quaisquer condições de higiene e salubridade ou amontoam-se em partes de casa.

Costuma-se dizer que os números falam por si, mas para termos uma ideia mais precisa da gravidade deste problema basta pensar em casos que são vulgares nos bairros de lata ou nas casas superlotadas. Acontece com certa frequência que chegam a viver 13 pessoas numa barraca de 4m2., assim como 19 pessoas em 4 assoalhadas.

Assim enquanto os trabalhadores, vivem nestas miseráveis condições, os patrões esses vivem nos bons e asseados bairros da nossa cidade, chegando a ter 2 ou mais luxuosas vivendas (a casa da cidade, do campo, da praia, etc).

CONCLUSÃO: Os que trabalham duramente nas fábricas, nas oficinas, nas obras, chafurdam na merda, os patrões parasitas e exploradores sornam nos luxuosos bairros.

O QUE PENSA O GOVERNO PROVISÓRIO DESTA SITUAÇÃO E COMO PRETENDE RESOLVÊ-LA?

Face a esta situação o Governo Provisório enquanto responsável pela concretização do programa do MFA, claro que se propôs a melhorar no mais curto espaço de tempo as condições de alojamento do povo português e sobretudo das classes trabalhadoras.

Mas como é que o governo faz isto?

Ora, como o Governo Provisório acha que esta situação se deve ao facto, das famílias trabalhadoras sem alojamento, serem "insolventes", isto é, não terem posses para pagar as rendas das casas do mercado;

Ora, como o Governo diz que não dispõe de dinheiro suficiente para resolver o problema da habitação dos trabalhadores mal alojados inventa o S.A.A.L. (Serviço de Apoio Ambulatório Local) com o fim de aproveitar os recursos patentes da população trabalhadora — força de trabalho e poupança — que de outro modo, permaneciam inactivos.

O ESQUEMA SERIA ESTE:

— Ao Estado competia dar apoio técnico, ceder terrenos, conceder subsídios (40% do custo da casa), emprestar dinheiro a juros, fazer

obras urgentes e fazer as leis necessárias. Sendo o tempo previsto para esta operação: 5 a 10 anos.

— Aos **Moradores** competia dar os restantes 60% do custo da casa, pagar com juros os empréstimos do Estado, construir as casas nos tempos livres depois do trabalho (auto-construção), organizarem-se em cooperativa de habitação para assim terem direito às concessões do Estado.

CONCLUSÃO: Duma cajadada matam-se dois coelhos, resolve-se o problema dos trabalhadores mal alojados e põe-se a girar o povo para a reconstrução do país.

DENUNCIEMOS A PROPOSTA DO GOVERNO

Ora bem, o que quer tudo isto dizer? Em primeiro lugar, o governo Provisório quando vem com a história da "insolvença" esqueceu-se que a origem da insolvença é a feroz exploração capitalista de que são alvo as largas massas trabalhadoras, isto é, que na insolvença de uns está a fonte da supervolência dos outros, isto é, que na fome e na miséria dos explorados é que assenta a abundância e o luxo dos ex-

ploradores. Do mesmo modo não se diz aos insolventes que, embora sendo quem tudo produz, lhes está vedado o acesso a esses mesmos bens. De facto, nos bairros de lata vivem muitos dos que constroem as casas dos outros.

Em segundo lugar, essa história de não haver dinheiro tem de ser desmascarada, pois se não há dinheiro porque é que o Governo Provisório não vai buscá-lo onde ele existe realmente, isto é, nos bolsos e nos bancos dos capitalistas, e quer ir buscá-lo onde ele existe em latência, isto é, às parcas poupanças (quando as há) dos trabalhadores?

Ora o Governo que não venha com falinhas mansas dizer "tomem lá 60 contos e não digam que vão daqui, pois isto da economia nacional anda muito mau". Até porque esses 60 contos são apenas uma pequena parte do que os capitalistas todos os dias roubam aos trabalhadores.

Em terceiro lugar, essa cantiga da auto-construção (cada um faz a sua casa) também de ser bem vista. Deste modo, pretende-se deixar em paz as empresas capitalistas a fazer casas para os burgueses ou bairros de habitação social para os doutores e construir com o suor dos trabalhadores, nos seus tempos livres, as casas a que têm direito. E será que os capitalistas

também tiveram que construir as suas luxuosas casas? E porque não cria empregos para cerca de 200 mil trabalhadores desempregados?

Em quarto lugar ainda por cima têm os trabalhadores de se organizar para receber as migalhas que a classe dominante resolve pôr à disposição de milhares de trabalhadores mal alojados deste país.

Mas, na verdade, a organização dos trabalhadores mal alojados é imperiosa e urgente não para fazer funcionar a proposta do governo, tal como este a forjou, mas ao contrário para a desmascarar e lutar decididamente pelo direito à habitação.

CONCLUSÃO

O Governo Provisório pretende deste modo resolver o problema da habitação à custa dos próprios mal alojados como se fossem eles, explorados e oprimidos ao máximo pelo capitalismo, os culpados pela miséria em que vivem.

Face a isto é preciso denunciar esta lógica macabra que assenta claramente nos interesses do capital e demonstra o carácter anti-popular do Governo ao negar na prática o direito à habitação dos trabalhadores mal alojados.

Face a isto é preciso responder com violência à violência dos exploradores que degradam a qualidade devida dos explorados.

QUEM TEM CULPA DE TUDO ISTO?

Continuação pág. 2

Muitos partidos e movimentos responderiam de caras a tudo que SIM.

Não custa muito a adivinhar quais seriam, até porque o não escondem, fazendo como fazem causa comum com manobras contra-revolucionárias, venham vestidos de branco, azul ou vermelho, chamem-se CDS, PPD, PS, AOC ou MRPP, vai tudo dar ao mesmo.

Digam o que disserem, as pessoas e os partidos dividem-se em dois grandes grupos: OS REVOLUCIONÁRIOS E OS CONTRA-REVOLUCIONÁRIOS.

Então não é verdade que depois do 25 de Abril com os PIDES na gaiola o "ANTI-COMUNISMO" aumentou extraordinariamente e está a atingir o paroxismo? Até já se fazem ameaças descaradas.

Quem vai ganhar com isto, quem é?

Com os meus cumprimentos

Um leitor

A propósito do Colégio de Proença-a-Nova CARTA ABERTA AO BISPO DE PORTALEGRE

Para ti, que serviste um "regime" e apenas um "regime", vão estas palavras despidas de ódio e em forma de epístola, que desejo não sejam adulteradas na sua mensagem tal como fizeste aos Evangelhos.

Quero, antes de te dizer o que tem sido a tua actuação, lembrar-te alguns textos aprovados nas Assembleias Europeias de Padres em Coire e em Roma no ano de 1969:

— Enquanto os Bispos não tiverem, como o Papa João, (os ouvidos bem abertos), ouvidos que escutem o que vem de baixo;

— Enquanto com a sua autoridade os Bispos cobrirem as declarações papais que fazem recuar a igreja;

— Enquanto houver Bispos em Palácios; a inquietação e a incerteza subsistirão e os protestos durarão.

— A Igreja já não é, em grande parte do mundo, um sinal de esperança; Ela não é mais o apoio dos pobres e dos oprimidos.

— A Igreja não se atreve a romper com regimes fundados na opressão de liberdade, como suce-

de em Espanha, Grécia, Portugal e Filipinas.

— A Igreja continua a espalhar ideologias que sustentam nas pessoas uma consciência religiosa, política e moral, perigosa e falsa:

— CONTINUANDO A PREGAR O "ANTICOMUNISMO".

— DESENVOLVENDO A IDEOLOGIA DA OBEEDIÊNCIA, QUE É CAUSA DE ALIENAÇÃO INDIVIDUAL E COLECTIVA;

— MANIPULANDO UMA MORAL SOCIAL QUE ACORRENTA AS PESSOAS, ANGIUSTIANDO-AS E CRIANDO NELAS UM COMPLEXO DE CULPABILIDADE; E ASSIM QUE TENTA MANTER O SEU PODER SOBRE O PENSAMENTO. E O SENTIMENTO DAS PESSOAS.

Se a Igreja tem a peito colaborar na liberdade de toda a gente deverá condenar abertamente todos os sistemas e todos os métodos fascistas, imperialistas e racistas.

A Igreja-Católica Romana é uma potência financeira; lança o descredo sobre o Evangelho dos pobres, pelo que deixa de ser digna de confiança.

É preciso que a Igreja ponha

termo a toda a espécie de terror:

— Nomeações e mudanças de cargo autoritárias e arbitrarias.

ex. (o teu quero posso e mando relativo ao padre Sousa).

— Finalmente tem de acabar com o fausto e a riqueza, debaixo dos quais se curva, com a fatuidade orgulhosa das suas palavras.

ex. (carta que escrevestes no expresso e os aposentos onde vives).

Despe-te de pompas e anéis, sai do conforto onde vives e caminha a pé, como Cristo, pelos caminhos que levam a Corgas, Sarzedinhas, Eiras, Padrão, Peral, Galisteu cimeiro e Fundeiro, Alvito, Cima-das, etc., entra na casa sem luz, sem água, sem esgotos, sem nada. Não perguntes ao camponês se tem pago a tempo e horas a "Cõngrua" à tua Igreja. Pergunta ao camponês pelo filho doente, pelo outro que morreu na guerra colonial, pelo Médico que não têm, pelo cinema ou teatro que nunca viu, pela televisão que desconhece existir, pelos jornais que nunca chegaram a levar-lhes a BOA-NOVA do 25 de Abril. Depois, do

cimo desse "Vale de Lágrimas", contempla as sumptuosas Igrejas construídas por ti com o dinheiro deles e que nada lhe deram tudo lhes negando, até a verdadeira face de Cristo lhes foi negada.

Anda homem, desce desse pedestal corrupto e, em acto de contrição, diz a esse povo que nunca viveste nem à imagem nem à semelhança de Cristo; diz a esse povo que Cristo amou as crianças e que tu tinhas no teu Colégio de Proença: um Padre Director que as colocava em exposição na via pública e um carrasco que lhes batia.

Diz a esse Povo que Cristo nunca deu o seu "ARRISCADO AVAL CAPITALISTA" por coisa nenhuma.

Diz-lhe que os Bancos são empresas capitalistas que exploram o trabalhador e que tu alinhavas nessas jogadas.

Abandona Césares e Calícolas, sobe até ao Povo que Cristo representou e lembra-te:

— HAVERÁ MUITA ALEGRIA NO CÉU SE TE CONVERTERES.

Confessa-te a esse Povo e Ele absolver-te-á porque é infinitamente bom.

António Guerreiro Calvino
Cap. Inf.

QUEBRADAS E ALCOENTRE: CAMPONESES OCUPAM TERRAS

NOSSA OCUPA



No concelho de Rio Maior, no espaço de uma semana, houve duas ocupações de terras, com processos idênticos. Em Quebradas, os camponeses ocuparam a quinta do Carrascal. Em Alcoentre, quase uma semana depois, dá-se a ocupação de uma antiga propriedade do Duque de Lafões.

OCUPAÇÃO DA QUINTA DO CARRASCAL

A quinta do Carrascal, que foi pertença dos condes de Tojal e que ultimamente pertencia a um tal Augusto Félix Costa - estava dividida em courelas que eram trabalhadas por mais de 100 camponeses de Quebradas. Muitas dessas courelas, passaram de pais para filhos e segundo os camponeses há mais de 40 anos que essa terra era trabalhada por eles. Aliás, foram eles que arrancaram o mato e tornaram a quinta do Carrascal cultivável.

— "Isto tudo quanto aqui está era mato. Fomos nós que desbravámos as terras".

Mas há cerca de 5 anos, em 1970, o Félix Costa resolve pôr os reideiros na rua. Muitos dos camponeses de Quebradas são então obrigados a emigrar, ou a ir trabalhar na construção civil, longe da terra onde habitam.

Surge o 25 de Abril e com ele as primeiras tentativas de readquirir a terra. Em Agosto do ano passado, tendo o reideiro que lá estava começado a trabalhar as terras, os camponeses reúnem-se e tentam embargar-lhes as máquinas. É avisado, nessa altura para não trabalhar as terras, pois os camponeses faziam diligências para tomar de novo conta delas. Como essas diligências, por via legal, resultaram infrutíferas, decidiram, em reunião, ocupar as terras do Carrascal.

A ocupação dá-se enquanto dois camponeses vão a Lisboa para dar conta do caso à coordenadora do MFA.

Mas não se deu sem incidentes. A dado momento o antigo reideiro apareceu na quinta e começou a trabalhar como se nada tivesse acontecido. Mas os ocupantes

reagiram imediatamente e depois de viva discussão, acabam por expulsá-lo da terra. A expulsão do antigo reideiro coincide com a chegada dos dois camponeses que se tinham deslocado a Lisboa:



"Os homens em Lisboa disseram-nos que estão com o povo". E continuou:

"Chegou o momento de pôr fim às aldrabices praticadas nesta quinta desde há 16 anos.

"Segundo informações, quem fez a terra de mato para terra de agricultura é que tem direito a ela. Seja reideiro, seja dono, temos que os correr daqui para fora.

"Se não fosse a presença de todos e a vontade de todos o momento não chegava. O momento chegou. A vitória é nossa.

Fora com os gulosos!"

Foi assim que se consumou a ocupação. A partir daí e colectivamente, os trabalhadores começaram a estudar as formas de amanhã da terra.

Como dividi-la e de novo em courelas é dividirem-se a eles, decidiram organizar-se, para já, por turnos para mais tarde criarem uma cooperativa.

De salientar que no próprio dia em que se deu a ocupação, ainda havia muitos camponeses que pensavam em dividir as terras e amanho só a sua courela. Mas pouco tempo depois, essa ideia estava ultrapassada e a da criação da cooperativa é que prevalecia.

"A terra é nossa. Foi reconquistada por todos. Por isso temos que ser todos a trabalhá-la igualmente.

Temos que criar uma cooperativa de maneira que todos tenham os mesmos direitos e as mesmas regalias".

Efectivamente foi a organização nascida nas assembleias dos camponeses de Quebradas e consolidada na luta pelas suas terras, que fez com que o processo saísse vitorioso.

É a única forma de resolver os problemas que lhes vão aparecer, será tal como antes, pela discussão colectiva desses problemas com consequentes tomadas de posição em conjunto.

OCUPAÇÃO DA ANTIGA PROPRIEDADE DO DUQUE DE LAFÕES

Depois dos trabalhadores de Quebradas terem conseguido plenamente os seus intentos, novo ânimo surgiu entre os camponeses que em Alcoentre pretendiam, de há muito, trabalhar as terras incultas da antiga propriedade do Duque de Lafões. O proprietário, até há pouco tempo, um tal Coutinho, casado com uma filha do Duque, trazia a terra a mato. Essa terra, é preciso que se diga, foi também desbravada, em tempos, por camponeses de Alcoentre, que mais tarde foram postos na rua, para no lugar deles, se plantar eucaliptos e deixar o resto ao abandono.

Permitia-se que em terras férteis, como aquela, que dava duas searas ao ano, se plantasse eucaliptos.

Por isso no acto da ocupação, a primeira coisa que alguns camponeses fizeram foi cortar eucaliptos. A consciência da justiça desse acto ficou patente nas afirmações de alguns:

"Quando se diz que a nação precisa de alimentos, é um crime permitir que terras tão boas sejam estragadas com os eucaliptos".

A ocupação foi também decidida numa reunião em que estavam presentes a grande maioria dos interessados e onde os camponeses de Quebradas tiveram a sua participação contando a sua luta.

Na reunião, para além da decisão de ocupar a terra, discutiu-se, ainda que levemente, alguns problemas que posteriormente se levantariam. O ocupar e continuar na condição de reideiros, foi um deles.

Mas aí, as opiniões parecem não divergir muito umas das outras. E apesar de não terem tomado uma decisão firme, algo sobre as pretensões dos camponeses de Alcoentre ficou no ar.

"A terra se não for trabalhada, só por si não dá nada.

Com que direito é que os capitalistas que têm a propriedade pri-

vada podem manter uma terra a mato?"

A ideia de expropriação pura e simples das terras; estava bem patente nesta intervenção.

Mas, embora o fundamento das intervenções fosse o mesmo, algumas apontavam vias diferentes:

"Quando a terra der, logo se vê".

E outros diziam claramente:

"Não lhes devo nada. Passei noites sem comer conduto para lhes pagar as rendas".

Mas esses problemas, digamos, podem ser resolvidos no decorrer da luta. Outro há e bem mais importante, que diz respeito aos meios técnicos disponíveis para trabalhar a terra. A esse respeito disseram-nos que a Colónia Penal de Alcoentre, propriedade do Estado, dispõe de máquinas que há muito não funcionam e que estão a criar ferrugem: Pretendem os camponeses, e muito justamente, exigir que essas máquinas sejam postas ao seu serviço. Mas não só. Há também propriedades que estão sob a alçada da Colónia Penal que não são cultivadas. E esses terrenos, dizem-nos, podem e devem ser postos ao serviço dos camponeses de Alcoentre que, como pretendem também organizar-se em cooperativa, podem assim tirar todo o proveito dessas terras.

Enquanto em Quebradas e Alcoentre se dão legítimas ocupações de terras, em Nossa Senhora de Machede embora a decisão tenha partido de uma reunião de trabalhadores rurais, tal não se dá. E porquê? Porque um partido que se diz defensor dos interesses dos trabalhadores, boicota as decisões desses mesmos trabalhadores, dividindo-os. Para isso apoia-se no comandante da região militar de Évora, capitão Cardoso, que segundo os trabalhadores "foi uma autêntica fera. Só é pena não ter lá um gravador para gravar as palavras dele".

As afirmações que faz, são significativas:

"Trabalhadores! São uns malandros, é o que vocês são! Se tomam um palmo de terra em



Aliás já este ano tiveram que pedir ao Director para fazer as colheitas nessas terras, pois estavam ao abandono.

O problema que nos põem neste momento é de ocupar esses terrenos do Estado pois, segundo eles dizem, "se é preciso aumentar a produção do País e não podem haver terras por cultivar, então não se compreende que haja terrenos do Estado por cultivar ou mal aproveitados".

Em Alcoentre os camponeses já ocuparam terras e organizam-se para as cultivar colectivamente.

Começa a tornar-se urgente a coordenação a nível regional destes processos. Para isso, e nesse sentido, é necessário que os camponeses de Quebradas e Alcoentre se encontrem e estudem formas de organização de comum acordo, porque os seus casos idênticos e os seus inimigos são num caso e outro indivíduos que não se interessam pelo povo trabalhador porque são capitalistas que não defendem mais do que os seus privilégios. E isso tem que acabar.

A colectivização e socialização das terras é a única forma deste país se tornar num país onde os trabalhadores, nas fábricas nos campos controlem e decidam sobre aquilo que produzem. De acordo com o que diz o Primeiro Ministro (se bem o entendemos) de que o trabalho é a principal riqueza...

ENHORA DE MACHEDE ÇÃO ADIADA...

Nossa Senhora de Machede eu meto-os todos na prisão".

Apoiado num indivíduo dessa qualidade, o P.C. conseguiu dividir os trabalhadores.

"O P.C. desorientou os trabalhadores. Se não fossem eles isto já tinha ido para a frente".

Infiltrado na Comissão de trabalhadores eleita, um elemento do P.C., depois da ocupação ter sido decidida em Assembleia, comunica com a sede e como de lá lhe devem ter dito para impedir a ocupação, entra em contacto com o quartel de Évora, que interfere. Contra tudo e contra todos um aspirante deslocou-se a Nossa Senhora de Machede e diz que a ocupação era ilegal e que podia conduzir à prisão dos trabalhadores.

Mais tarde outra força militar comandada por um tenente, se deslocou à terra e pergunta pelo Manuel Cristo que, segundo ele, tinha telefonado para o quartel de Évora, a avisar da ocupação. Mas os argumentos são balofos. A ilegalidade que alegam é falsa.

Os trabalhadores têm direito às terras porque foram eles que as desbravaram.

A herdade que querem ocupar, do Paço Saraiva, pertence à casa Agrícola Marghiocci do D. João de



Noronha, um grande latifundiário. É uma herdade com 1500 hectares, que no ano passado foi retirada a vários trabalhadores da freguesia que desde há uns anos a vinham cultivando, para ser entregue a um só rendeiro que só lá tem gado.

"Sobre o 25 de Abril decidimos semear as relvas, mas a coisa ficou parada até tomarmos uma atitude enérgica contra o rendeiro".

Os métodos desses latifundiários são claramente denunciados:

"A terra era preparada por nós e eles aproveitavam-se. Se esses indivíduos limpassem as terras, isso importava-lhes em muitas centenas de contos. Assim arrendam, es-

peram que as terras sejam limpas e depois põem os rendeiros na rua."

Mas está-se a "virar o bico ao prego".

"Já expusémos o caso ao Copcon e dessa parte dão-nos total apoio".

Agora trata-se de ir para a frente. Os trabalhadores agora sabem quem está do seu lado e quem está contra eles. O tempo urge.

"Temos interesse em abrir as terras o mais rápido possível, para tirarmos a colheita a tempo.

E quanto ao P.C. e outros, pergunta-se:

Quem tem medo dos trabalhadores?



— Temos um problema com o técnico de contas, que nos disse que eram precisos 4200 contos para a fábrica saldar as dívidas, mas depois disse que já eram precisos 6 200 contos. Quando a gente lhe fala em partagem às contas, ele fica aflito. Vamos ter hoje uma reunião com ele para lhe perguntar de que lado está. Ele dizia que era do CDS mas agora já diz que é da Democracia Cristã. É claro que os fascistas sabem onde se não-de meter.

Expusémos a linha sindical do PRP/BR, obtendo uma reacção favorável:

— Isso é que está bem. Com um sindicato de empresa não estamos sujeitos a manobras que tentem controlar as lutas dos trabalhadores, como faz a Intersindical. A Intersindical é um organismo de cúpula, desligado das bases, que não zela pelos interesses dos trabalhadores. Só confiaremos na Intersindical quando lá estiverem trabalhadores postos por nós. Além disso, a Intersindical está dominada por um partido que, quando não controla a classe operária, calunia as suas lutas, chegando ao ponto de boicotá-las, como aconteceu com a greve dos pescadores de Matosinhos, quando o Cunhal mandou vir sardinhas da URSS.

— Eu acho que uma fábrica em luta deve ser sempre apoiada e as própria Comissões de Trabalhadores devem ter contactos entre si, para se formar no Norte

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS

- ACABAR COM A SOCIEDADE CAPITALISTA
- ACABAR COM A EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM

- LUTAR CONTRA O COLONIALISMO E NEO-COLONIALISMO

- LUTAR CONTRA O IMPERIALISMO NA PERSPECTIVA DO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

- ORGANIZAR OS TRABALHADORES PARA A TOMADA DO PODER

- A TOMADA DO PODER PELOS TRABALHADORES É SEMPRE PELA VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA

- O PROLETARIADO NO PODER É A DITADURA DO PROLETARIADO

- A DITADURA DO PROLETARIADO NÃO É A DITADURA DUM PARTIDO OU DUM GRUPO, É A DITADURA DA CLASSE QUE É UMA FORMA SUPERIOR DE DEMOCRACIA

- A DITADURA DA CLASSE TEM DE SER EXERCIDA POR ESTRUTURAS ELEITAS PELA CLASSE

- ESSAS ESTRUTURAS SÃO AS COMISSÕES DE TRABALHADORES ELEITAS EM ASSEMBLEIA E REVOLUCIONÁRIAS A TODO O MOMENTO

- ASSEMBLEIAS DE TRABALHADORES, COMISSÕES DE TRABALHADORES, DELEGADOS DE COMISSÕES SÃO A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA DOS TRABALHADORES
- A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA É A ÚNICA REPRESENTANTE LEGÍTIMA DOS TRABALHADORES

- A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA DOS TRABALHADORES É QUE EXERCERÁ A DITADURA DO PROLETARIADO

- CABE AO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO A ANÁLISE POLÍTICA DA SITUAÇÃO CONCRETA, DE ACORDO COM UMA PERSPECTIVA POLÍTICA GLOBAL

- CABE AOS MILITANTES ESTIMULAR A ORGANIZAÇÃO AUTÓNOMA, LUTAR DENTRO DELA POR UMA LINHA JUSTA; PROPAGANDEAR A PERSPECTIVA REVOLUCIONÁRIA, RECRUTAR NOVOS MILITANTES

- NA SITUAÇÃO ECONÓMICA, SOCIAL E POLÍTICA ACTUAL SÓ HÁ UMA SAÍDA PARA OPOR AO FASCISMO E AO CAPITALISMO — A REVOLUÇÃO SOCIALISTA



— A administração não queria resolver os nossos problemas. Havia um certo desinteresse e alheamento que visavam colocar a firma em má situação económica.

Além de várias manobras, como fuga de capitais e compra de material técnico desnecessário, surgiram ainda divergências entre os administradores, tendo dois deles pedido a demissão. Conscientes do perigo que corriamos, contactámos com o Ministério do Trabalho e com a administração, mas nada resultou de tais contactos, até que, no dia 11, resolvemos em Assembleia Geral ocupar a fábrica, uma vez que no dia anterior, após uma reunião com a administração e todos os acionistas, o impasse se mantinha.

Outro trabalhador continua: — Mandámos telegramas à Comissão Coordenadora do MFA, ao Governo Provisório e ao Ministério do Trabalho, pedindo a urgente intervenção gover-

namental, mas já lá vai uma semana e ainda não tivemos resposta. Parece-nos que, se o Governo diz que é a favor das classes trabalhadoras, já devia ter tomado posição. Começamos a compreender que só nós, trabalhadores, organizados autonomamente, poderemos fazer frente às manobras dos patrões e à exploração capitalista.

— Como estão organizados e quais os apoios que têm tido?

— Temos uma Comissão de Trabalhadores com 10 elementos que foi feita em Assembleia Geral por unanimidade. Quanto a apoios, não temos tido nenhum, nem de partidos nem de sindicatos. A nossa luta é verdadeiramente autónoma. Existem três delegados sindicais que, embora não façam parte da Comissão de Trabalhadores, colaboram com ela. Temos ainda piquetes permanentes e, quando os administradores vêm, são sempre vigiados por nós. Um trabalhador interrompe:

uma Comissão Interempresas, como fizeram os camaradas do Sul. Muito mal anda o sindicalismo em Portugal quando uma central sindical calunia as lutas dos trabalhadores e promove manifestações contra a greve, que é uma arma de classe operária.

— Já pensaram nas medidas a tomar caso não sejam apoiados pelo Governo?

— Não acreditamos no Ministério do Trabalho nem nos partidos da coligação. No caso de a nossa luta ser boicotada, teremos que ir para a autogestão, embora saibamos que em sociedade capitalista as dificuldades deste

processo são grandes. Mas, como toda a mercadoria está a ser controlada por nós, é provável que se consigam assegurar os circuitos de comercialização. Sabemos muito bem que, se a firma está em más condições financeiras, não é porque os administradores não soubessem geri-la, mas porque estavam interessados em levá-la à falência colocando os 200 trabalhadores no desemprego. A nossa luta contra o desemprego e a sabotagem económica integra-se na luta mais geral de todos os trabalhadores contra a burguesia e sabemos que só organizados e armados venceremos.

O MONOPÓLIO QUINA...

... E A COMISSÃO AD-HOC

DOS TRABALHADORES

DAS EMPRESAS DESSE MONOPÓLIO

Os monopólios são a forma mais avançada do capitalismo, englobando dezenas de empresas, podendo-se depreender que um só patrão tem ao seu serviço milhares de trabalhadores.

Aqui, no caso específico do Grupo Quina, podemos exemplificar qual a rede de influência dum monopólio. Ele abrange os mais variados ramos de actividade, desde a construção civil (ICESA), passando pela indústria dos petróleos e sua transformação em matérias plásticas (EUROFIL), pela fabricação de pneus (MABOR), pela pesca (COMPANHIA PORTUGUESA DE PESCA), pela venda de produtos alimentícios (SUPER PRAÇAS REGEDOR), pelo turismo (STAR), pela informação (DIÁRIO POPULAR e JORNAL DO COMÉRCIO), pela transformação do barro (CERÂMICA DE SANTA IRIA), pelos seguros (ATLAS), pela publicidade (LATINA), pelos computadores (DATA), e tendo como base para tudo isto os bancos BORGES & IRMÃO e ALENTEJO, havendo no Norte empresas e fábricas de têxteis e vinhos.

Estas as empresas mais importantes deste monopólio, sendo necessário acrescentar a elas mais umas quantas que empregam e exploram milhares de trabalhadores em todo o país, não podendo esquecer a existência de trinta e tal empresas fantasmas, que não têm trabalhadores, e às quais os bancos do monopólio fazem avultados empréstimos no valor de centenas de milhares de contos que se destinam à compra de terrenos, imóveis e especulação na bolsa.

Para quê o Sr. Quina possa manejar tudo isto, explorar e reprimir os trabalhadores, tem ao seu serviço dezenas de licenciados e técnicos a quem paga ordenados elevadíssimos, a muitos deles em mais que uma empresa. De notar as ligações do Sr. Quina ao regime marcelista, assim como elementos ao seu serviço tão conhecidos dos trabalhadores, pelas suas actividades fascistas.

"São do conhecimento público os nomes e actividades de uma parte desses "senhores":

GONÇALVES RAPAZOTE — Ex-ministro do Interior, elemento activo da repressão, ex-presidente do Conselho Fiscal do Banco do Alentejo

GUILHERME BRAZ MEDEIROS — Do Diário Popular

ANTÓNIO COSTA FELIX — Do Banco Borges e Irmão, assinou o

requerimento para a manifestação da "maioria silenciosa", fugiu para Espanha

JÚLIO DA COSTA MORAIS — Do Banco Borges e Irmão, cunhado do anterior, fugiu para o Brasil
JOSÉ MIGUEL MAIA PEREIRA — Do banco Borges e Irmão, elemento da Legião Portuguesa e da FAC

ANTÓNIO AYALA BOAVENTURA — Da Data, elemento da Legião Portuguesa com o n.º117119 e da FAC

JOSÉ COSTA DEITADO — Da Data, director do jornal do Partido do Progresso e elemento activista deste partido neonazi
QUIRINO DOS SANTOS MEALHA — Presidente do Conselho de Administração do Banco do Alentejo, administrador da Icesa, sócio n.º17305 da ANP desde 21/11-34

RUI MARCHANTE — Da Icesa, da Legião Portuguesa

FERNANDO PINA E ALMEIDA — Do Banco Borges e Irmão, preso em Casias, fazia a ligação da Pide com empresas do Grupo Quina
Foi no seguimento da prisão de Pina e Almeida que Miguel Quina foi já sujeito a interrogatório.

Mas além destes elementos fascistas outros existem no grupo Quina. Lembra-se que estão ligados a este grupo os ex-professores da Faculdade de Direito: Adelino da Palma Carlos, Pedro Soares Martinez, Paulo Cavaleiro Ferreira e Rui de Albuquerque, que logo após o 25 de Abril expressaram ao Marcelo Caetano os votos de breve regresso ao exercício das suas funções universitárias invocando os altos serviços prestados à Universidade Portuguesa.

A juntar a estes factos existe mais o seguinte: na Icesa havia um piquete permanente da Pide composto por cinco elementos — Vitorino Dias Gonçalves, Orlando Gomes Martins, Abílio Francisco Esteves e António Manuel da Silva.

Porém o Dr. Miguel Quina continua as suas deambulações pelos meios financeiros e diplomáticos, tentando arranjar um clima que favoreça a sua estabilidade dentro e fora do país.

Uma das suas últimas jogadas foi um jantar que deu em honra do embaixador do Senegal. Nesse jantar conseguiu reunir à sua volta algumas figuras de relevo da vida política (incluindo um ministro do Governo Provisório).

Nas diversas empresas do grupo foram desenvolvidas lutas por melhores condições de vida

"Na Eurofil, quando da tentativa de despedimento de 300 operários, os trabalhadores ocuparam as instalações, tendo intervido a Marinha por solicitação da administração. Porém os militares reconhecendo as razões dos trabalhadores confraternizaram com eles e os camaradas, unidos na sua luta, não permitiram os despedimentos.

Na Mabor, uma greve começada em princípios de Maio, veio a terminar só em fins de Julho. A maior parte das reivindicações apresentadas não foram atendidas.

No Jornal do Comércio, após a greve, houve tentativa de despedimentos, ao que os Trabalhadores disseram NÃO.

Na Star, a administração anunciou despedir mais de 20 trabalhadores e acabou por despedir 4 sem justa causa os quais foram reintegrados por imposição dos camaradas de trabalho.

Na Icesa, estaleiro de Algés, também houve tentativa de despedimento dum operário que só não se concretizou devido à atitude firme e imediata dos Trabalhadores.

Em consequência da luta desenvolvida veio a ser despedido o Eng. Mariz, pessoa que tinha tentado fazer o despedimento daquele operário.

Ainda na Icesa, nos estaleiros de Aguialva — Cacém, foram despedidos 36 trabalhadores em Setembro de 1974, invocando a administração as leis fascistas anteriores a 25 de Abril e aproveitando a ignorância dos Trabalhadores em relação aos seus direitos. Posteriormente houve tentativa de despedimento de mais de 90 Trabalhadores, que não se concretizou devido à união e à consciência de classe demonstrada nessa altura pelos camaradas".

Foi na luta desenvolvida pelos trabalhadores do Jornal do Comércio, cuja situação chegou a ser bastante grave, que os trabalhadores do monopólio Quina, sentiram a necessidade de se organizarem ao depararem que não era somente contra a administração de cada empresa que se deveriam opor mas também contra o patrão principal, já que a criação de administrações separa-

das para as diversas empresas tem o efeito de localizar a luta dos trabalhadores, retirando-lhes uma perspectiva global de luta contra o monopólio em si, contra o mesmo patrão.

Surgiu, assim a Comissão Ad Hoc dos trabalhadores do Grupo Quina. É formada, por representantes, eleitos pelos trabalhadores, de cada empresa do grupo. São estes os princípios, aprovados em plenário de trabalhadores de todas as empresas do grupo, segundo os quais a Comissão Ad Hoc se deve reger:

"1.º Apoiar as lutas e reivindicações dos trabalhadores nas diferentes empresas, nomeadamente:

Abolição do despedimento sem justa causa;

Saneamento político e a nível de relações de trabalho;

Abolição do trabalho extraordinário;

Melhoria das condições de trabalho e de sanidade;

Obtenção de regalias sociais;

Obtensão de salário igual para trabalho igual;

Conquista de melhores salários;

2.º Contribuir para a organização dos trabalhadores em cada empresa e em cada local de trabalho.

3.º Apoiar e reforçar a acção dos sindicatos verdadeiramente representativos dos trabalhadores

sem contudo interferir na acção dos mesmos sindicatos.

4.º Lutar pela criação de Sindicatos verticais abrangendo todos os trabalhadores da mesma empresa.

5.º Lutar pela unidade efectiva dos trabalhadores na consolidação duma Central Sindical única.

6.º Proibir a colocação em empresas do grupo, de elementos saneados.

7.º Lutar contra a sabotagem económica e as manobras reaccionárias no seio do grupo económico, construindo a unidade e solidariedade de todos os trabalhadores do mesmo grupo.

8.º Colaborar com associações de trabalhadores de outros grupos económicos já formadas ou a formar."

Resta-nos acrescentar que a organização dos trabalhadores não pode passar somente pela luta antimonopolista, mas terá que ser num plano mais vasto, numa luta anticapitalista.

A opção que hoje se nos põe não passa pela social-democracia defensora do pequeno capital, mas sim pela socialização dos meios de produção (comunismo) ou pelo capitalismo violento (fascismo).

SÓ COM O DERRUBE TOTAL DO CAPITALISMO, PODEREMOS ALCANÇAR UMA SOCIEDADE SEM CLASSES — A SOCIEDADE COMUNISTA.

Sedes

LISBOA — Rua do Arco do Carvalho, 1, 5.º-Dt.
Tel. Jornal "Revolução" 682323
Contacto Partido: 680960

PORTO — Rotunda da Bouvista, 76, 3.º-Esq.
Tel. 695080

ÉVORA — Largo do Chão das Covas, 21
Tel. 24998

ALGÉS — Rua Victor Duarte Pedrosa, 15
— Algés de Cima

OLHÃO — Rua 18 de Junho, 64 D e C

COVA DA PIEDADE — Estrada Nacional 10, n.º 6

MARINHA GRANDE — Av. 1.º de Maio, 35-37

BARREIRO — Rua Dr. Eusébio Leão

EUROFIL

OCUPAÇÃO DA MAIOR FÁBRICA DE PLÁSTICOS DO PAÍS

REVOLUÇÃO: O que é a Eurofil?

Resposta — A Eurofil é uma empresa do grupo Borges e Irmão (Grupo Quina) que se dedica à indústria de petróleo, ou seja à transformação de matérias plásticas, desde a entrada de matéria-prima até à saída já em produto fabricado. Tem várias secções: fabricação de portas, estores, janelas, cordoaria, scaria etc. Capital social — 110 mil contos. Maior fábrica de plásticos do país e segunda da Europa.

REVOLUÇÃO: Qual era a situação antes do 25 de Abril?

Resposta — Antes do 25 de Abril era muito diferente do que é hoje. Havia uma subexploração de mão-de-obra, que se baseava em baixos salários e num grande índice de rotatividade de pessoal — a saída e entrada do pessoal constantemente, cerca de 40%. Os ordenados eram os seguintes: o pessoal feminino ganhava no mínimo 3750 e ia até 9600 no máximo e já eram excepções; o pessoal masculino ganhava 10000 no mínimo e ia até 16000 no máximo, mas a maior parte ganhava 13000 mas eram obrigados a sair, porque 13000 por dia não dava para se governarem. O pessoal da fábrica era na maior parte pessoas analfabetas vindas dos campos e alguns reformados o que se tornava numa mais-valia para a empresa pois ia buscar mão-de-obra barata e como se sabe analfabetos e reformados têm dificuldade em arranjar emprego e empregam-se por qualquer preço.

REVOLUÇÃO: Depois do 25 de

Abril o que é que se passou?

Resposta — Houve um grande esforço da parte do pessoal mais consciente em unificar e consciencializar todos os trabalhadores. Conseguiu-se a elaboração dum caderno reivindicativo no qual se exigia um salário mínimo de 6000\$00 para homens e 4000\$00 para mulheres. Isto sucedeu porque o caderno reivindicativo foi feito na base de diversos cadernos reivindicativos por sectores.

**UMA SÓ
SOLUÇÃO
REVOLUÇÃO
SOCIALISTA**

**PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DO PROLETARIADO
BRIGADAS REVOLUCIONARIAS**

Aqueles em que os homens estavam em maioria aparecia 6000\$00 para todos. No entanto nos sectores em que a percentagem de mulheres é maior aparecia um salário de 6000\$00 para homens e 44000\$00 para mulheres. De notar que a maior percentagem de trabalhadores na fábrica pertence às mulheres. Segundo elas, os homens deviam ganhar mais pois eram chefes de famílias. A condição da mulher nesta fábrica deve-se a todo o sistema social vigente até ao 25 de Abril onde punham a mulher na condição de escrava do homem em casa, e era explorada pelos capitalistas na fábrica. Portanto esta condição da mulher como subexplorada duas vezes veio a refletir-se na própria fábrica. Mesmo quando nós adiantamos que as mulheres faziam o mesmo trabalho especialmente na secção têxtil em que também elas trabalham com teares, achavam que deviam ganhar menos que os homens.

REVOLUÇÃO: Há operárias na comissão de trabalhadores?

Resposta — Embora mais de 50% do pessoal da fábrica seja feminino só há quatro mulheres na Comissão de Trabalhadores composta por 53 trabalhadores.

É um aspecto curioso, tal como disse relativamente ao caderno reivindicativo em que as próprias mulheres exigiram que o salário fosse menor que o dos homens, verificámos quando foi da eleição para a Comissão de Trabalhadores nas respectivas secções, sempre que havia um homem as mulheres votavam todas nele. Isto não se verifica só aqui, é um problema a nível nacional, pois se repararmos nas direcções dos partidos políticos quase que não existem mulheres. Parece-nos que a participação das mulheres na vida colectiva nacional, poderá aparecer a partir de agora e ocuparem o lugar a que têm direito.

REVOLUÇÃO: Elas estão presentes nos plenários?

Resposta — Outro aspecto curioso. Estão presentes no plenário, participam, e é o pessoal mais combativo. Quando foi agora da ocupação, foram elas que tiveram as formas mais radicais de luta, foram elas que mais gritaram fora com a administração, foram elas que mais apoiaram a proposta de ocupação da fábrica.

REVOLUÇÃO: Quais os pontos mais importantes do caderno reivindicativo?

Resposta — O caderno reivindicativo era composto por 14 pontos. O factor de motivação era a parte económica, tal como assistimos na maior parte das lutas depois de 25 de Abril. REFEITÓRIO — Um dos pontos do nosso caderno reivindicativo era a exigência

de um refeitório para todo o pessoal pois o que existe era para o sector privilegiado da fábrica; chefes e pessoal administrativo. Como o refeitório não chegava para todos, acabámos com ele, assim já estão todos em igualdade de circunstância, já não há privilegiados. O pessoal que não tinha categoria e tinha que comer em meia hora trazia o comer numa marmitta enquanto os outros senhores comiam no refeitório. Acabou-se com isto tudo.

ASSISTÊNCIA MÉDICA — Pretendíamos também assistência nas 24 horas pois a fábrica está em funcionamento durante esse tempo. Embora as condições na fábrica não sejam muito propícias a acidentes, o que é certo é que se trabalha com máquinas, com rolos de pressão, e se há um acidente pode ser muito grave. Se considerarmos que há um hospital aqui em Vila Franca de Xira que se pode considerar apenas de posto de primeiros socorros, o ferido terá que ir para Lisboa. Por isso exigimos assistência médica aqui na fábrica durante 24 horas.

REVOLUÇÃO: Qual foi a vossa primeira forma de luta?

Resposta — Dos 15 pontos reivindicados, 7 foram aceites, mas, no entanto esses sete pontos foram deturpados: Falavam na reconversão industrial. Ora este palavrão da reconversão quer dizer para nós, operários, despedimento. Na altura não vimos bem o que era a reconversão, mas depois, quando se começou a verificar despedimentos, vimos logo o que aquilo queria dizer. Portanto a reconversão é a tentativa desesperada do capitalismo para manter os lucros que tinha e, dado que houve aumentos de salário, eles tinham que despedir operários aumentando os ritmos de trabalho e continuando assim a ter os mesmos lucros. Estavam previstos 300 despedimentos, o pessoal vai todo para a luta e aí verifica-se a queda da primeira comissão de trabalhadores, não na totalidade pois ainda existem alguns desses elementos na actual comissão de trabalhadores.

Nesta luta, o pessoal fecha os portões e prende a administração cá dentro. Exigimos então que os 17 trabalhadores já despedidos fossem readmitidos com os vencimentos pagos desde a altura em que tinham sido despedidos e só depois é que a administração poderia sair.

Vem-se depois a conseguir no Ministério do Trabalho, este apenas como local de negociação, a readmissão dos trabalhadores, pois o que obrigou a readmissão não foi o M.T. mas sim a forma de luta desenvolvida pelos trabalhadores tendo chegado ao ponto de prender a administração. O ad-

ministrador Francisco Quina, numa última tentativa, telefonou para alguém do governo e mandou chamar a Marinha. O que é extraordinário é que os marinheiros se puseram ao nosso lado embora o capitão que os acompanhava tivesse tomado uma atitude de conciliação.

REVOLUÇÃO: O que vos levou à ocupação da fábrica?

Resposta — A empresa começou a produzir e os armazéns começaram a ficar cheios de produtos acabados: Começámos a produzir só para o armazém. Os pagamentos cada vez se iam atrasando mais. Cada vez havia maior instabilidade no pagamento dos ordenados. E aqui todos os trabalhadores se começaram a interrogar: Porque este estado de coisas? E começámos a investigar. Este processo tornou-se mais rápido pois obtínhamos informações através da comissão Ad-Hoc do Grupo Quina que se formou na greve do Jornal do Comércio. Estas informações diziam-nos qual era a situação da Eurofil nos Bancos do grupo económico. Estas informações da comissão ad-hoc vêm ao encontro de certos dados que nós tínhamos e acrescentavam-nos alguns que ainda não tínhamos. Aí víamos qual era a situação concreta da Eurofil. Nós arranjámos provas nítidas de sabotagem económica, mesmo de fuga de capitais. Descobrimos documentos comprometedores para a própria administração e inclusive para o próprio sistema criado no 25 de Abril. Sistema em que o poder político está na mão do MFA e de alguns partidos políticos, alguns destes que até se dizem defensores dos trabalhadores, e o poder económico continua nas mãos dos capitalistas.

O capitalismo logo a seguir ao 25 de Abril recuou quando as massas estiveram todas na rua. Depois entrou-se na acalmia e começou a lançar-se propaganda para a reconstrução da economia nacional, o que veio originar uma certa paragem nos processos de luta dos trabalhadores, o que poderia ter vindo a trazer consequências graves para os trabalhadores. E podia porque estes, alienados por toda aquela propaganda de reconstrução nacional, podiam esquecer-se de que tinham um inimigo que era o capital. Agora esse inimigo nunca poderia perder as suas posições e joga. Joga com as suas armas, e a melhor dessas armas era a instabilidade social, a sabotagem económica, a fuga de divisas, para que as empresas ficassem numa situação má. Como acabou a bolsa depois do 25 de Abril, o capital foi jogar nas eleições. Mantém as empresas nesta situação até lá e depois se as eleições lhes agra-

darem, vão para uma exploração desenfreada, se não lhes agradarem abandonam as empresas e invocam o pânico geral. Mas não jogam só nas eleições, jogam também no desemprego. No momento actual são 300 mil, alguns têm consciência de classe, outros, muito mais mal formados politicamente, não têm, e claro que estes últimos vão deitar culpas ao 25 de Abril pois antes tinham pouco mas sempre dava para alguma coisa e agora não têm nada, quem vai para as culpas é também o MFA.

Relativamente à Eurofil, perante a situação que detectámos fomos para um plenário analisá-la. Então ou íamos para uma posição conciliatória ou íamos para uma posição mais radical. Os trabalhadores optaram pela posição mais radical: ocupação da fábrica, expulsão da administração, nacionalização da empresa sob controlo dos trabalhadores, sem prejuízo do pagamento das dívidas por parte da administração pois foi esta que levou a empresa à situação em que está. O Estado não pode pagar estas dívidas, senão fica tudo na mesma, se o Miguel Quina e os seus lacaios provocaram prejuízo nesta empresa foram buscar os lucros a outra. Quando aqui tem de se pagar juros e que são muito superiores aos salários dos trabalhadores, estes juros vão beneficiar outra empresa e neste caso o banco Borges e Irmão. Por isso exigimos que seja o Miguel Quina a pagar as dívidas porque se assim não for quem fica todo contente é o Miguel Quina e cá estamos nós trabalhadores a pagar os erros dos capitalistas. O montante das dívidas é de 425 mil contos e deve-o a 15 bancos. Tem alguns edifícios aqui na fábrica hipotecados. Mais, além das dívidas que fizeram, da sabotagem económica, ainda queriam vender as patentes de fabrico, o chamado "Know-how", com a colaboração de alguns órgãos do governo, caso do Fundo de Fomento de Exportação. Temos cartas em que este órgão diz que está a fazer os contactos e as negociações para a venda dessas patentes na Dinamarca, Suíça, USA, França. Agora o que é importante para nós trabalhadores, é que, o que está a acontecer aqui pode estar a acontecer noutra fábrica qualquer. Ora isto é muito grave quando órgãos do governo colaboram na ruína e caos do próprio país.

A ocupação da fábrica verificou-se no dia 4, contactámos com o MFA e eles deram-nos o seu apoio. Fizemos contactos com o Ministério do Trabalho mas ainda não deram nada, perdemos-nos na máquina burocrática daquele Ministério. A única solução que

Revolução

Comissão e Imprensa - Membro B.C. e Diária - Internacional

EUROFIL

Continuação pág. 7

eles querem dar é pôr outra administração do grupo porque o estado não tem dinheiro para pagar as dívidas. Ora se somos nós trabalhadores os primeiros a dizer que não queremos que seja o estado a pagar as dívidas, mas sim o Miguel Quina e nos respondem que o Estado não tem dinheiro há qualquer coisa que aqui não está certo. Então o que foi o 25 de Abril?

REVOLUÇÃO: Qual tem sido o apoio que outros trabalhadores vos tem dado?

Resposta — Desde o princípio que sentimos a solidariedade de todos os trabalhadores aqui das fábricas em volta, caso da Sociedade Central de Cervejas, covina, também da Celulose do Tejo, de todos os trabalhadores das empresas do grupo Borges.

A Imprensa burguesa tem muitas vezes deturpado aquilo que nós dizemos mas outros órgãos têm-nos apoiado. Os jornais do grupo Diário Popular e Jornal do Comércio, foi necessário a imposição por parte dos trabalhadores daqueles jornais às respectivas administrações, para que dessem notícias da Eurofil.

REVOLUÇÃO: Qual é a vossa organização?

Resposta — A nossa organização foi criada consoante as nossas necessidades. Surge a comissão de trabalhadores, como necessidade de se avançar com o caderno reivindicativo. Esta não era um órgão de cúpula mas sim uma coordenadora que avançava com as decisões vindas da base, no entanto cometeu alguns erros e a base substituiu-a imediatamente. A segunda comissão de trabalhadores continuou com um debate intenso entre os tra-

balhadores, reconhecendo que esta era a melhor forma de nos consciencializarmos, de sabermos todos o que queríamos. Isto veio dar origem ao estatuto da comissão de trabalhadores, o qual tem expresso o controlo efectivo das bases sobre a comissão de trabalhadores. Esta comissão de trabalhadores nunca entrou numa via conciliatória de classes ou seja, nunca houve conciliação entre a classe operária e a burguesia porque a base sempre controlou a comissão de trabalhadores. Apesar de a burguesia jogar com as comissões de trabalhadores como uma via conciliatória, tal como o faz com os sindicatos, sendo estas uma organização limitada dado que todos estes conflitos vão ser resolvidos numa mesa. Isto aqui não sucedeu apesar das tentativas desesperadas da administração para neutralizar a comissão de trabalhadores, como órgão revolucionário, como estrutura de classe organizada. Quanto aos sindicatos não tem havido perseguições deles, nós queremos avançar e eles dão-nos apoio.

REVOLUÇÃO: Quais são os vossos sindicatos?

Resposta — "Têxteis e Vestuários do Sul" e "Químicos" que nos têm dado sempre apoio, sem entraves e sem divisão. Outra coisa curiosa, dentro da comissão de trabalhadores existem várias ideologias. No entanto quando começamos a luta, isso foi posto de parte embora se possa refletir nas discussões. Não somos apolíticos, somos apartidários, queremos ser autónomos. Se a comissão de trabalhadores tomasse posições de algum partido logo haveria divisão, pois os

operários sentiam que havia privilégios para um partido e isso não podia ser. A comissão de trabalhadores é uma organização de classe operária.

REVOLUÇÃO: Verificámos que aqui a volta existem várias fábricas. Vocês já tentaram reunir uns com os outros à semelhança do que se passa noutros locais? Referimo-nos às reuniões inter-comissões.

Resposta — Mal iniciámos a nossa luta começámos a ter contacto com a Sociedade Central de Cervejas, Cerâmica de Santa Iria que é do mesmo grupo, Covina, a fim de termos uma participação comum em comunicados e nas formas de luta. Por agora têm sido estes os contactos, talvez numa tentativa de se formar um Conselho de operário de zona uma estrutura que abranja contrapoderes em relação ao capital, não só por problemas específicos de uma fábrica, mas também por problemas de todos os trabalhadores, porque o seu inimigo é e continuará a ser o capital.

REVOLUÇÃO: Vocês ocuparam a Fábrica. Que problemas vos surgem? Há dívidas, provavelmente aparecerão credores. Como reagiram os bancos?

Resposta — Outra coisa curiosa, o banco do Alentejo que também pertence ao grupo económico diz para se cumprir aquilo que os trabalhadores tinham mandado para lá, ou seja a não aceitação das assinaturas dos administradores saneados. Ficámos muito espantados pois o capitalista do banco do Alentejo é o mesmo que o da Eurofil e quando ele diz cumpre-se é para se ficar desconfiado. Os trabalhadores dos bancos do grupo têm estado em contacto connosco para ver se o dinheiro chega às nossas mãos e não fica lá para pagar as dívidas do Miguel Quina.

Sobre os credores, se for alguma dívida contraída pelos trabalhadores nós pagamos, se for uma dívida do Miguel Quina isso tem de ser ele a pagar. No entanto há dívidas que têm grande interesse para nós, e que chegámos à conclusão que as temos de pagar como seja: as dívidas contraídas na compra de matéria-prima. Se nós não pagamos os fornecedores podem recusar o fornecimento.

REVOLUÇÃO: Continuam a ter encomendas?

EDITORIAL

Os trabalhadores ocupam o terreno daqueles que até aqui os têm explorado. Esta ocupação é física — traduz-se na conquista, muitas vezes violenta, de espaço vital. Terras e casas foram ocupadas, contra a vontade dos donos, da P.S.P., da G.N.R. Este é o anúncio da conquista final do terreno dos exploradores; a ruptura está feita. Foi transgredida a propriedade privada; nas terras conquistadas os camponeses trabalham com a espingarda ao lado, dispostos a bater-se. As terras conquistadas de Alentejo e Quebradas não eram terras por cultivar e arrendadas pelos novos donos, como em Beja ou em Évora; eram terras cultivadas e com proprietário — o que se deu foi uma expropriação.

Como se deu noutros lugares e como se repetirá progressivamente. Nas casas ocupadas a violência esteve muitas vezes na ordem do minuto a minuto; os "senhorios" também se bateram... mas perderam na maior parte dos casos.

Para além do confronto nas fábricas entre trabalhadores e burguesia, que é a expressão mais concreta da luta de classes, o confronto entre explorados e exploradores neste outro terreno tem um carácter de violência, que é já a violência da tomada de poder.

Em todo o lado as Forças Armadas ou estiveram neutras ou estiveram ao lado dos trabalhadores. Contra eles esteve sempre presente uma representação da GNR, da PSP e dos reformistas.

Esta onda violenta que sai das massas é um factor que vai crescer e que não pára.

Por outro lado o MFA e o 1.º Ministro (no seu contraditório discurso) ameaçam com leis revolucionárias.

Com estas duas ameaças sobre a sua cabeça, a burguesia vê com receio o tempo que vai daqui até às eleições. Conseguirão chegar ao acto eleitoral inteiros? Conseguirão chegar à vitória eleitoral com a propriedade de pé?

Por isso a burguesia toma também posições. Que não são de defesa, mas sim de ataque. A onda de provocações, que do Norte a Sul do país aparecem todos os dias é o apoio político, onde se podem basear atitudes de força. Nos Liceus do Norte, no Liceu de Setúbal, nas Igrejas, no Patriarcado, no carro de Pinto Balsemão, a reacção provoca e serve-se das armadilhas de todo o estilo. A provocação pode ter todo o cariz e em alguns casos visou directamente o PRP — Brigadas Revolucionárias.

O comício do PDC foi a apoteose do palavreado fascista, que é a nova fórmula. No Pavilhão dos Desportos o fascismo falou de cátedra. Cã fora a PSP mostrou mais uma vez de que lado está. E os soldados também mostraram que não só estão contra a reacção como a PSP.

Este é o momento de estar alerta e é o momento das vanguardas serem vanguardas, isto é de irem à frente e não a reboque das massas.

Resposta — Continuamos a ter as encomendas normais e por enquanto nesse aspecto está tudo normal. Há um boicote. No tempo dos outros senhores quando se mandava uma encomenda, ia-se à Star que também é do grupo e ficava-se a dever. Agora já querem que os trabalhadores façam o envio a pronto pagamento.

NOTA:

Fomos convidados para uma conferência de Imprensa, dada pelos trabalhadores da Eurofil, na qual verificámos não haver alterações à actual situação.

Foi-nos entregue um comunicado "Burocracia...ou Travão — A Eurofil nos Ministérios", segundo o qual os trabalhadores da Eurofil andam de Ministério em Ministério sem que ninguém lhes resolva o problema. Mais concretamente: os trabalhadores dirigem-se ao Ministério do Trabalho, falam com diversas pessoas, dizem-lhes que o assunto não é ali tratado mas sim no Ministério das Finanças. Falam com outros senhores e dizem-lhes que não é ali, é no Ministério da Economia.

Termina "E APESAR DE TODOS OS ENTRAVES NADA FARÁ ESMORECER O PROCESSO EMPREENDEDOR".

Assinatura

Queiram considerar-me assinante na modalidade abaixo assinalada:

NOME
MORADA
LOCALIDADE.....
PROFISSÃO.....

ASSINATURA: Semestral — 60900
Anual — 120900

PAGAMENTO: Em cheque
Em Vale

APARTADO 4117-LIS.-4

Nós sabemos que os capitalistas entre si são ferrenhos e não nos admira que os Melos e os Champalimauds estejam a maquinar alguma coisa por causa da Eurofil.